Emanuel Andrade C. Sancho

# CASA DA CULTURA ANTÓNIO BENTES

## MUSEU ETNOGRÁFICO DO TRAJO ALGARVIO

### PASSADO, PRESENTE E FUTURO

S. Brás de Alportel

1995

Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
4-2
Biblioteca
Inv. N.º 2392 Cota N.º

Emanuel Andrade C. Sancho

# CASA DA CULTURA ANTÓNIO BENTES

## MUSEU ETNOGRÁFICO DO TRAJO ALGARVIO

## PASSADO, PRESENTE E FUTURO

S. Brás de Alportel
1995

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

**FICHA TÉCNICA:**

**Título:**
Casa da Cultura António Bentes
Museu Etnográfico do Trajo Algarvio
Passado, Presente e Futuro

**Autor:**
Emanuel Andrade C. Sancho

**Edição e Distribuição:**
Casa da Cultura António Bentes
Rua Dr. José Dias Sancho, n.º 61
8150 São Brás de Alportel
Tel. (089) 842618

**Fotos:**
Hélio Ramos

**Capa:**
Edifício da Casa da Cultura António Bentes (Entrada principal)
Aguarela de Manuel Hilário de Oliveira

**Apoio:**
Delegação Regional da Cultura do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, no âmbito do programa Comunitário INTERREG

**Tiragem:**
3 000 exemplares

**Impressão e acabamento:**
Empresa Litográfica do Sul, S.A.
Vila Real St.º António

**Depósito legal:**
N.º 85597/95

# Índice


Pág.

Agradecimentos ..... 5

A Casa da Cultura António Bentes

- Historial ..... 7
- A actual direcção ..... 9

O Edifício

- Resenha histórica ..... 11
- Arquitectura ..... 13

O Museu Etnográfico do Trajo Algarvio

- Espólio ..... 17
- Trajo ..... 19
- Escultura popular religiosa ..... 22
- Bonecas. Muito mais que brinquedos ..... 24
- Veículos antigos ..... 26
- As antigas cavalariças ..... 28
- A cortiça ..... 29
- Outros núcleos museológicos ..... 30

O futuro ..... 31

# Agradecimentos

À Delegação Regional da Cultura do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, por nos ter convidado a elaborar este pequeno livro.

À Santa Casa da Misericórdia de São Brás de Alportel, pelo total apoio prestado desde o início.

À Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, pelo apoio sempre pronto.

À Associação «In Loco», pelo precioso apoio prestado no restauro das Casas Agrícolas e pelo interesse demonstrado em todo o projecto.

À Comissão de Coordenação da Região do Algarve e à Direcção Geral da Organização do Território, pelos apoios prestados no restauro das antigas Casas Agrícolas.

Ao Instituto da Juventude, a quem devemos a colaboração quase permanente de jovens. Igualmente aos rapazes e raparigas que participaram no projecto e que sempre excederam as expectativas.

A todos os que pela oferta de peças, enriqueceram o espólio do museu, colaboradores, colegas, beneméritos, etc., especialmente Joaquim Alcarias, Virgínia Carrusca, João Calvinho, José Costa, José Afonso de Brito, Maria Alzira Valente Galego, José Pinto Rodrigues, Glória Viegas, Alda Matos Correia, Nídia Porto, Nini Pereira, Joana Eusébio, José Afonso Pinto Gago, Catarina Pires Afonso Gago, Maria Francisca Antonino, Alda Jesus Filipe, Bernardino Ferreira, José Móra Féria, João Calçada, Cidália Carvalho, Esmeralda Madeira, Dr.ª Graça Passos, Dr.ª Maria Emília Prates, Dr.ª Madalena Farrajota, Viegas Gomes, Dr. Francisco Lameira, D. Luís Bramão, Dora Barradas, Delmira Ana de Brito, Catarina Carrusca, Francisco Valagão, Maribel Dias Pereira, Victor Alves, Victor Pereira, Isa Raminhos e Ângela Barros.

# A Casa da Cultura António Bentes

## Historial

Em 1982, o Padre José da Cunha Duarte, exercendo o seu ministério paroquial em S. Brás de Alportel, desenvolve por todo o concelho uma série de iniciativas de carácter cultural, social e religioso. É neste contexto que funda uma Escola de Música e o Centro Cultural e Social da Paróquia, que passa a dinamizar uma intensa recolha etnográfica que se estende por todo o concelho.

A casa paroquial onde estava armazenado o produto de vários anos de trabalho de pesquisa e recolha de material etnográfico, em 1987, estava a abarrotar. Em consequência desta situação, em Fevereiro desse ano, é celebrado um protocolo entre a Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel e o Centro Cultural e Social, no sentido de se encontrarem as condições necessárias para a criação de uma estrutura capaz de gerir um já considerável acervo museológico. Nasce, assim, a Casa da Cultura António Bentes, que passou a constituir a faceta cultural da Santa Casa da Misericórdia. Objectivo prioritário: a instalação do Museu Etnográfico do Trajo Algarvio.

O Museu começou então a abrir as suas arcas e a mostrar os seus tesouros. Primeiro em tímidas mostras, depois já em exposições temáticas de apreciável dimensão. Outras vezes, o Museu deixava por umas horas as paredes das suas salas e ia passear à rua, em espectáculos que envolviam grande número de figurantes em representação das diferentes zonas geográficas, recreando ambientes de um Algarve já desaparecido.

Ao longo de três anos decorreu um curso de reprodução e restauro de trajo antigo em colaboração com o Instituto do Emprego e Formação Profissional e o apoio técnico do Museu Nacional do Traje de Lisboa. Hoje, este grupo de técnicas desenvolve com sucesso, em S. Brás de Alportel, uma actividade única em toda a região.

Prosseguindo o trajecto iniciado em 1982, a actual direcção da Casa da Cultura António Bentes tem procurado manter a dinâmica imprimida pelo seu fundador. O Museu Etnográfico do Trajo Algarvio continua a enriquecer o seu espólio e as suas exposições e desfiles etnográficos têm evoluído qualitativamente, tendo, em resultado disso, conquistado um lugar no conjunto dos museus da região. A recolha de testemunhos orais, de costumes, orações, cantigas, etc., tem sido igualmente encarada com carácter de urgência. De igual modo estão a ser desenvolvidas múltiplas acções de cooperação com outras entidades dentro e fora do Algarve.

O amplo recinto do Museu é frequentemente solicitado por entidades da região. O momento alto acontece com a realização da Feira da Serra, organizada pela Associação «In Loco», em colaboração com o Município e esta Casa da Cultura. O artesanato, a doçaria e os produtos da serra são o pretexto para um acontecimento cultural e recreativo que atrai vários milhares de visitantes.

A biblioteca e arquivo estão a ser informatizados para ficarem ao serviço da região. Uma algarviana, que conta já com cerca de 1000 volumes e em pleno crescimento, contribuirá para fazer desta Casa da Cultura um centro importante de estudos algarvios. Fruto de um crescimento acelerado, quase exclusivamente em torno da actividade museológica, assiste-se actualmente a um esforço de alargamento do âmbito da Casa da Cultura. Uma maior mobilização da comunidade em que está inserida, assim como uma crescente intervenção a nível regional, constituem novos desafios para o futuro.

# Casa da Cultura António Bentes

## Direcção
1992-1995

**Abílio José Mendonça Barros**
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel

**Valentim Gonçalves Pereira**
Representante do Centro Cultural e Social da Paróquia

**Emanuel Andrade Correia Sancho**
Presidente da Casa da Cultura António Bentes

**Maria de Lurdes Mendonça**
Secretária

# Museu Etnográfico do Trajo Algarvio

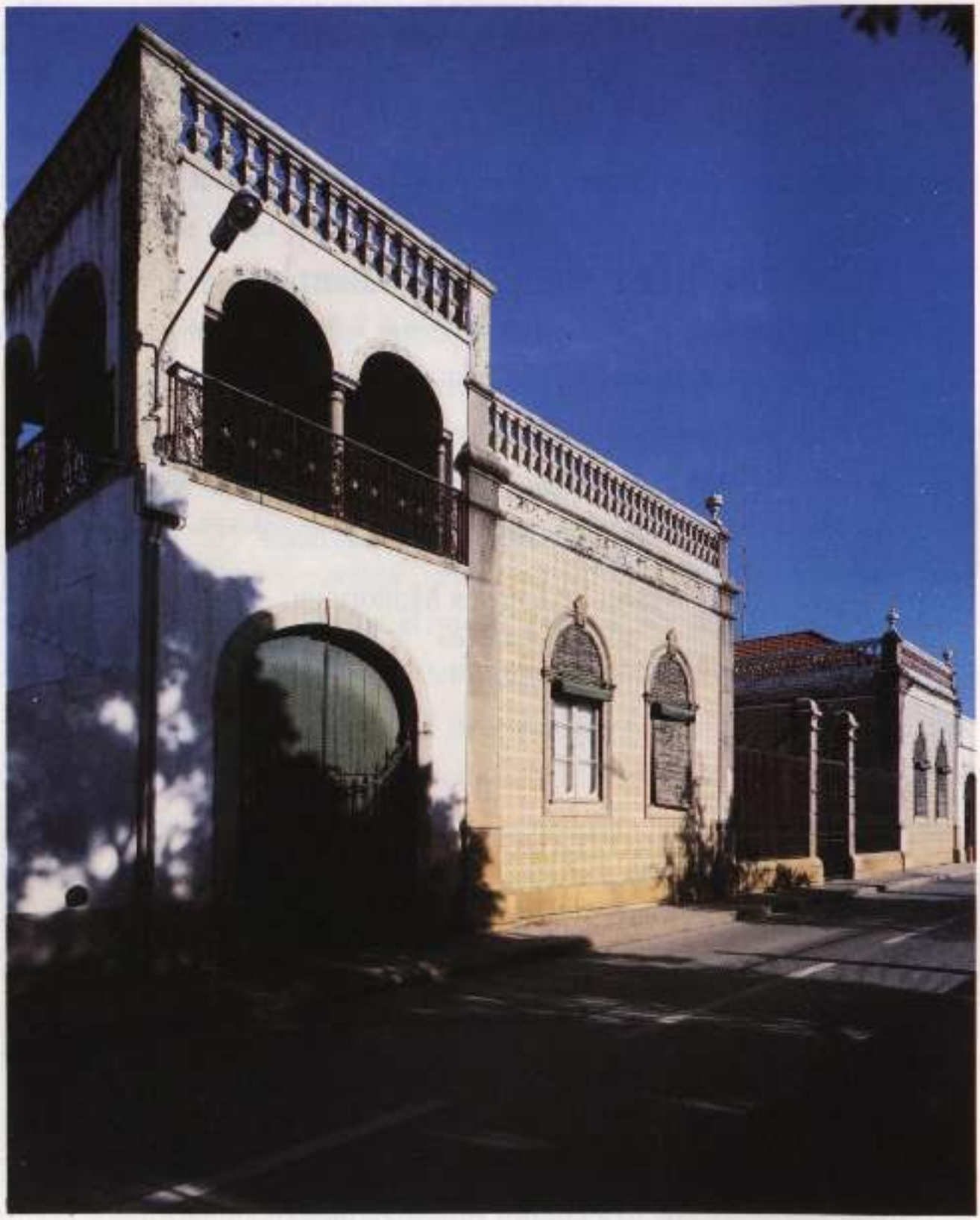
**Emanuel Andrade Correia Sancho**
Director

**José da Cunha Duarte**
Investigador

**Afonso da Cunha Duarte**
Investigador

**Maria Daniel Pinto Valagão**
Técnica

**João José de Sousa Morgado**
Auxiliar



1. *Edifício da Casa da Cultura António Bentes. Panorâmica exterior.*

# O Edifício

## Resenha histórica

Miguel Dias de Andrade, humilde jornaleiro nascido em 1835, em S. Brás de Alportel, cedo abandona o árduo trabalho do campo, passando a vender peixe por toda a serra do Algarve. De arreeiro faz-se carvoeiro. A pouco e pouco torna-se num almocreve, possuidor de várias parelhas de possantes mulas. Para o Alentejo, entre outros produtos, transporta o peixe salgado, trazendo no retorno o trigo e a cortiça.

Nos meados do século XIX assiste-se a um forte desenvolvimento do comércio e indústria corticeiros na zona de S. Brás de Alportel. Miguel Dias de Andrade terá contribuído como poucos para o desenvolvimento desta indústria, mas também soube usufruir da imensa riqueza daí proveniente. O ano de 1889, impresso nas telhas que cobrem o edifício, indicando o seu ano de fabrico, sugere a data aproximada da conclusão das obras da sua nova moradia. Por essa altura ter-se-á mudado do sítio da Campina para a magnífica habitação que havia construído.

No início do século, a indústria corticeira havia prosperado de tal modo que S. Brás de Alportel, sendo a maior freguesia rural de Portugal, tornou-se num dos maiores centros corticeiros do mundo, com cerca de 60 fábricas corticeiras a laborar simultaneamente. Este surto de progresso mudou totalmente a grande freguesia, que veio a tomar-se concelho em 1914. Muitas famílias proporcionaram aos filhos o culto das letras e da arte, outros adquiriram propriedades ou construíram moradias luxuosas, mais próprias de gente de punhos de renda do que de homens rudes habituados, até há bem pouco, ao gabão de soriano.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, a falta de meios de comunicação e a laboração artesanal levaram a outrora próspera indústria corticeira a entrar em vertiginosa decadência. Assistiu-se então à emigração

dos melhores industriais para regiões mais favoráveis, como o Montijo, Alhos Vedros, Ermidas, etc., onde implantaram as suas fábricas.

Em 1923, um dos netos do velho almocreve Manuel Dias Sancho, filho de Rosária Joaquina Dias e de Manuel Martins Sancho Júnior, instala no edifício uma casa bancária que não prosperou. Os tempos eram difíceis e a emigração para a Argentina e Norte de África acaba por asfixiar o jovem concelho de S. Brás de Alportel, que pelos anos 50 tinha perdido metade da sua população.

Passam os anos e Lucília Dias Sancho, bisneta do velho carvoeiro, habita a casa com o seu marido, António da Conceição Bentes. Em 1986, quando António Bentes morre, já viúvo, deixa expresso, em testamento, a última vontade de sua mulher: o edifício deverá ser legado à Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel.

2. *Miguel Dias de Andrade*

3. *Antônio Bentes e Lucília Dias Sancho. Fotografia do casamento.*

4. *Sala de entrada. Tecto*

5. *Um dos corredores. Tecto.*

# Arquitectura

O edifício da Casa da Cultura António Bentes ocupa uma área de 750m². Este, desenvolve-se em torno de uma planta em forma de U. Três longos corredores percorrem-no em toda a sua extensão, interligando as dezasseis salas. Desconhece-se de quem é o projecto do edifício, mas supõe-se que deverá ter sido da autoria de um mestre pedreiro farense das últimas décadas do século XIX.

*6. Uma das pinturas murais existentes no antigo escritório*

O traçado arquitectónico e os elementos decorativos usados na sua construção identificam-no claramente com o tardo-romantismo, que tanto foi do gosto da sociedade portuguesa dos finais do século XIX, em áreas tão distintas como a literatura, o trajo, a arte e a arquitectura.

Uma das características mais marcantes do romantismo foi o «fascínio por épocas e estilos passados, paraísos perdidos, 'belles époques' de ilusória felicidade e liberdade». [1]

Esta procura do passado é particularmente notada na arquitectura, onde se assistiu à utilização de motivos clássicos, orientais, árabes, manuelinos e outros. Neste edifício encontramos uma forte ambiência arabizante, principalmente nas portas rematadas com arcos em forma de ferradura, nos tectos de madeira caprichosamente trabalhados e nas gelosias de algumas portas exteriores.

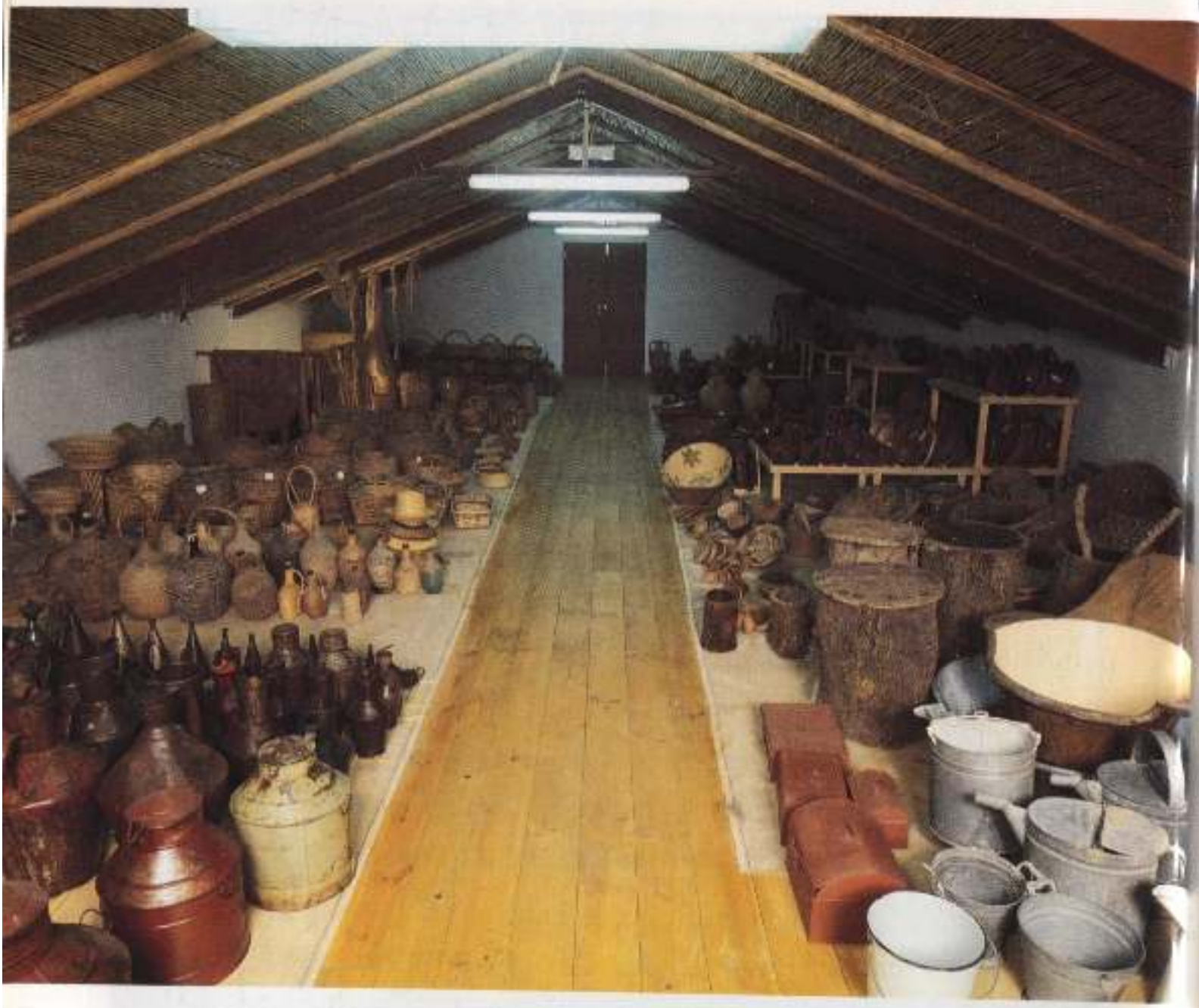
Anexas ao edifício principal, existem oito Casas Agrícolas – as antigas cavalariças, casa dos trens, vacaria, celeiros e palheiro –, que testemunham a riqueza do proprietário, não apenas pelas suas dimensões, mas também pela qualidade da construção, com cantarias e solos de pedra da região.

Um amplo sobrado, apoiado numa forte estrutura de madeira, quase duplica a área útil. Aí se armazenava a palha e se guardava muito do ferramental agrícola. Estas instalações constituem, hoje, área de exposição e guarda de alguns dos núcleos de reservas.

O antigo quintal ocupa uma extensa área a norte do edifício principal onde existe um poço de apreciáveis dimensões com a respectiva nora, um moinho de vento, um tanque, uma cisterna e antigos equipamentos de suporte ao edifício. Actualmente, constitui um espaço destinado a feiras, espectáculos e outros acontecimentos de interesse cultural ou recreativo.

---

[1] In *O Romantismo e a Sensibilidade Ingénua*, Ernesto de Sousa.



*7. Aspecto dos sótãos. Secções de barros, empreitas e cortiças*

# O Museu Etnográfico do Trajo Algarvio

## Espólio

São cerca de 15000 peças. Provêm de todo o Algarve e constituem um espólio inestimável.

O trajo das várias regiões do Algarve, o serrenho, o do barrocal e o da orla marítima, apresenta diferenças sensíveis. Outras vezes encontra-se associado a actividades profissionais específicas ou a determinadas circunstâncias como a uma ocasião festiva, um passeio ou simplesmente o usado no recato familiar ou na intimidade.

A arte popular religiosa revela a ancestral religiosidade de um povo que, para a tornar mais sua, não hesita em lhe acrescentar sinais da sua própria personalidade.

As bonecas, outrora veículos de propagação da moda, hoje encanto de crianças ou peça de colecção.

Os veículos antigos, umas vezes simples e utilitários, outras vezes de uma altivez aristocrática, verdadeiro espelho do poder económico do proprietário.

Guardam-se ainda colecções de utensílios de barro, de cortiça, latoaria, cestaria, faianças, empreitas, etc., que poderiam constituir, cada uma delas, pequenos museus temáticos.

8. *Colete do período império (1800-1825).*

# Trajo

É ponto assente que, desde o século XVII, a cultura da Europa ocidental é basicamente a mesma, havendo, portanto, pouca diferenciação nas roupas das várias nações, pelo menos no que toca às classes superiores. Mas é a partir do século XIX que a moda, em termos de um interesse na maneira de vestir e nas suas sucessivas mudanças de estilos, se transformou numa preocupação predominantemente feminina.

O Algarve, isolado do resto do país por um denso conjunto montanhoso, a que se segue o Alentejo escassamente povoado, desenvolve um activo comércio marítimo, que mantém uma elite de negociantes e proprietários, actualizada em relação à Europa dos negócios, das ideias e das modas. Igualmente, uma presença apreciável de estrangeiros, aqui radicada, facilita a ligação com o exterior.

A mulher citadina, especialmente a mais endinheirada, desde o início do século XIX, acompanha a par e passo as modas europeias no estilo, na cor e na qualidade dos tecidos, que são quase sempre importados. Logo no primeiro quartel do século, surge uma nova maneira de vestir, vinda de França, que as Invasões Francesas ajudaram a difundir: O Trajo Império. Depois vem o período romântico, cujas reminiscências se prolongaram até finais do século, influenciando profundamente o vestir da burguesia.

Por arrastamento, as populações do interior procuravam imitar, no seu trajo domingueiro, as meninas ricas da cidade. Assim, como as condições económicas obrigavam muitas vezes ao uso de materiais mais grosseiros de

9. *Casal citadino com trajo de passeio. Fins do século XIX*

10. *Casal de lavradores abastados em trajo domingueiro. Princípios do século XX*

11. *Casal de marítimos do Sotavento algarvio. Princípios do século XX*

12. *Casal serrenho usando o tradicional gabão de soriano. Princípios do século XX*

fabrico local, a tecedeira recorria a uma prodigiosa imaginação para imitar padrões de origem estrangeira. A costureira inventava artifícios para poupar tecido na confecção ou para prolongar o período de vida útil da peça de vestuário. Entretanto, o vestuário masculino, passado o brilhante primeiro quarto de século, caminhou no sentido da sobriedade.

O trajo do povo, porém, reflecte nas mulheres um misto de tradição genuína, caldeada com pormenores roubados às modas que iam passando. Curiosamente, estes pequenos pormenores, caídos em graça, são integrados e fixam-se, contribuindo para a evolução. Por outro lado, indumentárias de origens ancestrais, conviveram imperturbáveis com a moda, e quase chegaram intocáveis aos nossos dias, como são os casos dos gabões e dos biocos.

13. *«Tournure». Um elemento «importado» da moda francesa, mas que perdurou até muito tarde no Algarve.*

14. *«Pai do Céu»*

## Escultura popular religiosa

A arte sacra popular – as célebres imagens de madeira do *Menino Jesus* e do *Pai do Céu* – do século XIX e princípios do século XX, constitue um dos mais importantes núcleos do Museu. Feitas pelos famosos *Pinta-Santos* ou *Faz-Santos* do Algarve, que procuravam imitar os imaginários do

século XVIII, estas peças fornecem elementos fundamentais para o estudo da religiosidade popular na região.

As dificuldades económicas não permitiam ao povo humilde adquirir as belas imagens feitas pelos mestres entalhadores. Assim, nas longas noites de Inverno, alguns camponeses talhavam eles mesmos, a canivete, toscas imagenzinhas, que vendiam depois pelas feiras, tornando-se estas muito populares em todo o Algarve. Ficaram célebres alguns *Pinta-Santos* do Algarve, pela perfeição do seu trabalho e pelo estilo próprio que desenvolveram, sendo possível hoje identificar os autores de algumas dessas imagens, como José Martins Murteira, de Santa Catarina da Fonte do Bispo, e Manuel Bandeira, de S. Brás de Alportel.

Como não foram reunidas, até ao momento, as condições mínimas de segurança para mostrar esta colecção em permanência, alguns exemplares são expostos todos os anos durante a quadra natalícia, altura em que o Museu ***arma o presépio*** em escadaria, ajudando assim a recuperar uma antiga tradição algarvia.

15-16. *Imagens de Meninos-Jesus, e*[illegible]*sculadas por Pinta-Santos algarvios*

# Bonecas.
# Muito mais que brinquedos

A representação da realidade através de figuras talhadas, esculpidas, moldadas ou desenhadas, é um fenómeno tão antigo como a própria humanidade. As mais antigas imagens que se conhecem estão associadas a fenómenos de carácter mitológico. Igualmente, a necessidade de perpetuar ou evocar a memória de chefes ou divindades foi sentida em todas as culturas que conhecemos.

Só recentemente, a representação reduzida do ser humano adquiriu um carácter lúdico ou simplesmente utilitário. Por exemplo, no século XVIII,

17. *Boneca do Ameixial*

18. *Antigas «bonecas de tabuleiro»*

19. *Bonecos de Querença*

20. *Boneco de juta de Martinlongo*

«obter informações sobre a última moda era tão trabalhoso que a costureira de Maria Antonieta achava que valia a pena viajar todos os anos em uma enorme *berline* cheia de bonecas, vestidas com as últimas *modes de Paris*».[1]

A colecção de bonecas do Museu, num total aproximado de 300 peças apresenta o trajo, usos e costumes de muitas nações de todos os continentes. Constitue auxiliar precioso para o estudo da evolução do trajo e das influências entre povos.

Grande parte desta colecção veio de Lisboa pelas mãos do fundador do Museu, P.e José da Cunha Duarte, que a entregou com a condição de estas não saírem do Museu, dado a sua fragilidade.

A região algarvia está representada com as bonecas de Querença, Ameixial, Martinlongo e as célebres e tradicionais *matrafonas – bonecas de tabuleiro* – com as pernas e os braços de cana e pena de pavão no chapéu.

Esta colecção já foi exposta temporariamente. Aguarda instalações condignas para ser devidamente integrada numa secção permanente de reserva/exposição.

---

[1] In *A Roupa e a Moda*, James Laver.

# Veículos antigos

A colecção de veículos antigos é constituída por cerca de uma vintena de carros na sua maioria tradicionais da região.

Este núcleo é um dos mais interessantes do Museu. Primeiro são os trens, majestosos, pintados de negro ou vermelho escuro, extremamente confortáveis. O cocheiro tem o seu lugar próprio, pois não convém misturas. Depois as aranhas, veículos ágeis destinados a pequenas deslocações,

21. *Trem de passeio*

22. *Carro de azeiteiro*

23. *Carro de aguadeiro*

com uma lotação de apenas dois ou três passageiros. Era o transporte preferido das meninas ricas, do princípio do século, para as suas deslocações à missa do domingo, ao mercado ou a alguma visita de cortesia. Em seguida, ainda a charrete, familiar mas rústica e utilitária.

O carro de capoeira é, sem dúvida, um dos símbolos do Algarve. Colorido, com caprichosos desenhos que identificam a oficina onde foi fabricado, transforma-se num vulgar carro de trabalho quando se lhe tira a capota (a capoeira).

Vem ainda o churrião. Robusto e lento, puxado por uma parelha de bois. É mais alentejano do que algarvio.

Depois vêm os carros de trabalho. O vulgar carro de mula, ainda hoje tão utilitário, o carro de trabalho de grandes e grossas rodas para o transporte do trigo e da lenha. Outros veículos, também estão ligados a actividades profissionais, como o do aguadeiro e do azeiteiro.

Estes exemplares, na sua maioria hoje já desaparecidos, encontram-se em exposição permanente.

24. *Antigas cavalariças reequipadas após o restauro.*

## As antigas cavalariças

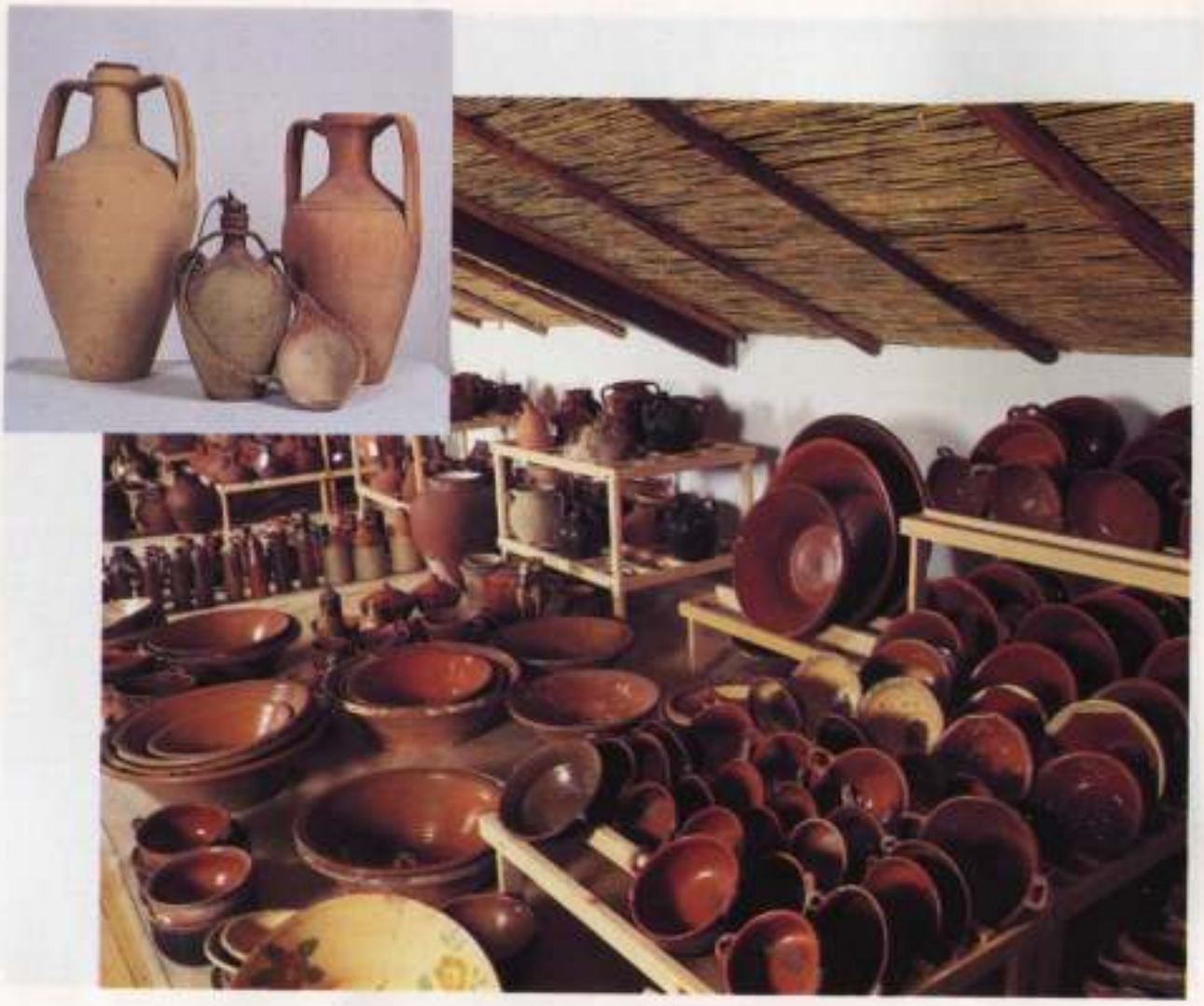
Uma vez efectuado o restauro das Casas Agrícolas, nas antigas cavalariças e vacaria voltou-se a viver, pelo menos aparentemente, o seu ambiente característico.

Todos os utensílios, ferramentas, recipientes, etc., estão lá. Os arados e charruas parecem apenas aguardar o momento de serem atrelados a uma besta e abalarem por esses matos ao som de uma dolente canção de trabalho.

*25. Secção de cortiças. Do corte à transformação.*

# A cortiça

Mais do que uma importante indústria do Algarve, a cortiça ou corcha conta-nos a história da eterna convivência entre o homem e o meio. De profundas tradições na serra e barrocal algarvio, possui uma larga gama de utilizações. A nível local era antigamente utilizada principalmente como recipiente – baldes, alguidares, banheiras, tarretas, cucharros, etc. – de todas as formas e tamanhos. Após a sua industrialização, no século XIX, foi maciçamente utilizada no fabrico de rolhas e como isolamento, utilizações que se mantêm nos nossos dias.



*26. Núcleo dos barros*

## Outros núcleos museológicos

As reservas possuem ainda núcleos importantes de porcelanas, empreitas, zincos e alfaias agrícolas, que constituem um apreciável espólio que, pelo seu valor patrimonial, merece ser conhecido, defendido e valorizado.

# O futuro

Foi longo o caminho percorrido. Aquilo que no início era apenas um passatempo, cresceu tanto que quando despertámos para a realidade, sentimo-nos ultrapassados pelos acontecimentos.

Estamos esperançados que o restauro das Casas Agrícolas tenha sido o definitivo despertar das entidades regionais para a importância deste projecto. Uma região turística como a nossa, fustigada por fortíssimas forças descaracterizadoras, necessita de outras forças de sentido contrário, que lhe restabeleçam o equilíbrio, sediadas quando possível em zonas menos beneficiadas turisticamente.

São vários os projectos (alguns já iniciados), que visam a evolução para um Centro Cultural de dimensão regional, nomeadamente:

- Construção de um alpendre para a guarda dos veículos antigos e espólio agrícola, para atalhar a sua progressiva degradação ao ar livre;
- Restauro do edifício principal que apresenta graves problemas de conservação;
- Reconhecimento deste Centro Cultural como de interesse regional e não apenas local. Concertação entre várias entidades para a constituição de um quadro de pessoal técnico permanente;
- Urbanização do quintal. Construção de um amplo jardim com flora regional, integrando os vários equipamentos já existentes: nora, tanques, cisterna, moinho de vento e antigo sistema de rega;
- Construção de diversos equipamentos de apoio, nomeadamente um bar, um restaurante e um estabelecimento de venda de produtos da região;
- Alargamento do âmbito da Casa da Cultura, diversificando as actividades para além da actividade museológica;
- Edição de várias obras, fruto de trabalhos empreendidos no âmbito desta Casa da Cultura.

Apoiado pela Delegação Regional da Cultura do Algarve,
da Secretaria de Estado da Cultura,
no âmbito do Programa Comunitário INTERREG.